



**EU, SOBRE VOCÊ / VOCÊ, SOB MIM: PERFORMANCE A MESA POSTA NO
CONTEXTO DO 27º SALÃO ANAPOLINO DE ARTE**

***I, ABOUT YOU / YOU, OVER ME: PERFORMANCE THE SET TABLE IN THE
CONTEXTO OF THE 27TH ANAPOLINO ART SALON***

Bruna Mazzottiⁱ
PPGACV-FAV-UFG
José Louresⁱⁱ
FAV-UFG

RESUMO

Apresentamos o fazer de “A mesa posta” (2021-2023) e sua exibição no 27º Salão Anapolino de Arte – realizado em Anápolis (GO), com itinerância para Goiânia (GO). O trabalho foi dado por uma sugestiva onírica e seu desenvolvimento se deu em nossa casa, a partir de um desenho e uma sequência fotográfica, entendida como performance para a câmera. Além desse processo, também discutimos a recepção do público para com a obra montada no salão através de falas proferidas nas ações educativas. Por fim, este estudo é pautado na Pesquisa Autobiográfica em Arte (Rodrigues, 2021), com relatos do que foi a obra se fazendo, as decisões que tomamos para a sua realização, as questões sobre o pertencimento e acesso nos espaços expositivos, bem como as diferenças comportamentais do público diante de “A mesa posta” e outros trabalhos pertencentes à mostra.

PALAVRAS-CHAVE

A mesa posta. Performance. 27º Salão Anapolino de Arte. Autobiografia. Casal de artistas.

ABSTRACT

We present the making of “The Set Table” (2021-2023) and its exhibition at the 27th Anapolino Art Salon - held in Anápolis (GO), with itinerancy to Goiânia (GO). The work was inspired by a suggestive dream and its development took place in our home, starting from a drawing and a photographic sequence, understood as a performance for the camera. In addition to this process, we also discuss the audience's reception to the work exhibited in the salon through speeches given in educational activities. Finally, this study is based on Autobiographical Research in Art (Rodrigues, 2021), with reports on the work's creation, the decisions we made for its realization, questions about belonging and access in exhibition spaces, as well as the behavioral differences of the audience facing “The Set Table” and other works belonging to the exhibition. Keywords: The Set Table. Performance. 27th Anapolino Art Salon. Autobiography. Artist couple.

KEYWORDS

The set table. Performance. 27th Anapolino Art Salon. Autobiography. Artist couple.



Aberturas

Neste trabalho, alternaremos: alguns tópicos e/ou parágrafos são desenvolvidos individualmente, enquanto outros em conjunto. Nossa escrita é feita de modo a dar pistas: esperamos que, na medida em que o texto seja lido, aos poucos seja revelada a identidade de quem o escreveu – seja pela uso dos artigos femininos ou masculinos, indicativo dos nossos nomes – Bruna e José –, pelas citações de nossos trabalhos anteriores ou ainda pelo uso do pronome pessoal da primeira pessoa do plural – nós – ou da primeira do singular – eu.

Porém, algumas vezes, não há como saber quem escreveu determinados trechos: optamos por isso porque assumimos, enquanto dupla na nossa forma de trabalhar, tarefas que são individuais, negociação contínua entre vontades – mas, o trabalho, de toda forma, quando é exibido, assume uma identidade dupla na nossa assinatura: não há como saber que formulações e decisões foram tomadas por uma pessoa ou outra apenas no contato com as obras.

Dito isso, neste artigo apresentamos as seguintes etapas: a constituição da performance para a câmera “A mesa posta” (2021-2023), a inscrição/participação no 27º Salão Anapolino de Arte; e a presença do trabalho no espaço expositivo. Frente a isso, diaogamos tanto sobre a nossa perspectiva enquanto criadores, tanto quanto as recepções do público – em dois momentos: nas aberturas das mostra (em Anápolis e Goiânia) e as reações das pessoas a partir de ações educativas realizadas por um de nós.

Para esta investgação, optamos pela Pesquisa Autobiográfica em Arte (Rodrigues, 2021). Afinal, os sonhos – o motivadores da obra a ser aqui trabalhada – são situações em nossas vidas – e uma coisa nada pontual na minha existência: eu, Bruna, percebo que eles pegam tudo o que nós conhecemos e reorganizam numa outra lógica. Não apenas isso: orientam muitas de minhas ações, clarificam meus medos, anseios, vontades e energias. Dentro deles, às vezes é momento de agir, às vezes de ser levada pelo o que acontece: tal quando estamos acordados. O sonho foi o impulsionador de muitos trabalhos que lancei ao mundo por dois anos, ou seja,



uma parcela da vida que me guiou para fazer trabalhos de Arte durante algum tempo. Nesse sentido, tendo o sonho como uma parte importante da minha vida, ressalto:

A autobiografia, enquanto relato de vida, tem orientado processos de criação que demandam, em algum momento de seus desdobramentos, a interação com materialidades [e imaterialidades] autobiográficas (objetos, fotografias, cartas, fragmentos diversos) até que sejam incorporadas ou não às obras. Ao exhibir esses trabalhos em espaços expositivos, constatamos que a pesquisa autobiográfica em arte tem gerado expressões inovadoras, oriundas de experimentações autobiográficas que passam necessariamente pelo trabalho da/o artista com a matéria, ou com o desafio de materializar o imaterial. As obras de arte constituem-se como expressões autobiográficas que demandam uma existência concreta no espaço (físico ou virtual), gerando experiências de simultaneidade e não apenas de sequencialidade no que tange ao que tradicionalmente se espera quando nos deparamos com narrativas ou relatos de vida (Rodrigues; Souza; Barra; 2023, p. 17).

Do relato à performance:

[...] Em uma cama de casal localizada à meia-luz, eu estava deitada sobre o corpo do José: meus pés encontravam sua boca e vice-versa. Eu beijava os pés dele, ele beijava os meus pés. Quando acordei, em minha tela mental: duas imagens arquetípicas: Yin-Yang e Uróboro, fundamentais para a elaboração posterior da performance. Decidimos sair de uma literalidade e experimentar o deitar na mesa ao invés da cama e, com isso, foi elaborado o seguinte programa: 1) Vestir-me de branco, enquanto o José se veste de preto; 2) Selecionar o tempo máximo para o temporizador da câmera e posicionar o dispositivo de modo que a mesa fique centralizada enquanto foco; 3) Disparar o gatilho da câmera e utilizar do tempo dado pelo temporizador para me deitar por cima do José – de modo como foi mostrado em sonho. Apenas não contava com uma questão: a câmera permitia apenas 16 segundos para o temporizador – deixando tudo mais emocionante, engraçado e doloroso no embate entre os corpos que lutavam para ficarem na pose em um curtíssimo período entre o disparo e a captura (Mazzotti, 2022, p. 75-76).

Das mais de 50 fotografias, foram selecionadas apenas duas – as outras foram descartadas propositalmente, tanto do cartão SD da câmera, quanto do disco rígido do notebook. “A mesa posta”, quando nasceu em 2021, antes de ser performance para a fotografia, era este esboço anotado às pressas após acordar:



Imagem 1. Bruna Mazzotti. Esboço para a mesa posta. Desenho. Anápolis, 2021. Digital, 778 x 792 pixels. Acervo da autora.

Enquanto isso, eu, José, nunca havia me interessado pela linguagem da performance ao longo da minha trajetória acadêmica e artística. Em parte, por um receio de usar o próprio corpo para a construção de uma poética. Por outro, me perguntava: esse era mesmo um espaço que eu gostaria de ocupar? Será que minha aparência é apropriada para a realização de performances? Todas essas perguntas e medos foram se dissipando com o fortalecimento do nosso relacionamento amoroso – em meio às proposições de performance que ela me fez. Com o tempo, o medo de realizar deu lugar para um estado de puro divertimento e excitação.

Falar sobre “A mesa posta” hoje é revisitar memórias de dois inícios: do namoro e o do nosso coletivo de dois – ainda que, nem eu, nem ele soubéssemos. Nesse tempo, segundo semestre de 2021, eu era uma mestrande do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV-UFRJ). Cursava então uma disciplina chamada “Linguagens centradas no corpo”, ministrada pelo prof. Dr. Jorge Soledar – que propôs para realizarmos uma fotosequência, a ser desenvolvida durante os diálogos da disciplina. Há alguns



meses após ter me acontecido o sonho que relatei acima, esse curso se tornou o lugar óbvio para seguir a sugestiva onírica.

Através dessa disciplina prática, pautada em: discussões sobre trabalhos recentes de cada integrante, apresentação das investigações em andamento, socialização de estratégias metodológicas na pesquisa em Arte – que tive um entendimento, uma primeira clareza, do que estava fazendo. Reconheci, através da prática, que meu dispositivo criativo, ao menos naquele momento, operava-se dentro de uma sequência de verbos instrutivos: **sonhar**, **relatar**, **programar** e **performar** (Mazzotti, 2022). Primeiro, eu sonhava – esse movimento corporal involuntário me sugeria imagens para trabalhar; depois, relatava esses sonhos – para mim mesma ou para pessoas próximas, criando uma descrição dos acontecimentos; a partir das lembranças imaginais e das palavras recordatórias, nessa junção de documentos advindos de fragmentos mnemônicos, eu criava outra coisa, ou seja, um programa para uma performance – a.k.a instruções.

Por fim, havia a realização ou a expectativa da performance. Nesse período investigativo, sonhei muito ao lado do José e com a figura dele – o que inevitavelmente encaminhou nosso fazer para a realização de performances juntos.



Imagem 2. Bruna Mazzotti e José Loures. A mesa posta. Performance para a câmera (fotografia). Anápolis, casa dos artistas, 2021. Digital, 16542 x 5319 pixels. Acervo dos autores.

27º Salão Anapolino de Arte: montagem, exibição e recepções públicas

O Salão Anapolino é uma das mostras de Arte Contemporânea mais longevas e respeitadas do Brasil. Na 27ª edição foram 834 inscrições de todas as regiões brasileiras para preencher 26 vagas. O evento foi dividido na Categoria Nacional e



Categoria Fomento à Produção Anapolina, assim como 5 premiações e a escolha de um artista homenageado. A mostra curada por Paulo Henrique Silva e a comissão de seleção foi composta Paulo Henrique Silva, Fernanda Lopes e Mariano Klautau Filho. Já a comissão de premiação foi composta por Ana Avelar, Eneida Sanches e Paulo Herkenhoff.

Tal edição se iniciou em 2023 na galeria Antônio Sibasolly, em Anápolis, com circulação para o Centro Cultural na Universidade Federal de Goiás (UFG) – tudo através do Edital do Fundo Municipal de Cultura de Anápolis, lançado em 2022. Na estadia anapolina houve mais de 1500 visitantes na mostra. O Salão também ofereceu 30 visitas guiadas comigo, José, sobre: os trabalhos expostos, as motivações e objetivo do Salão Anapolinoⁱⁱⁱ.





Imagem 3. Autora e Autor. A mesa posta. Performance para a câmera (dípitico) e objeto. Acervo dos autores. Foto: Lívia Chagas Paz.

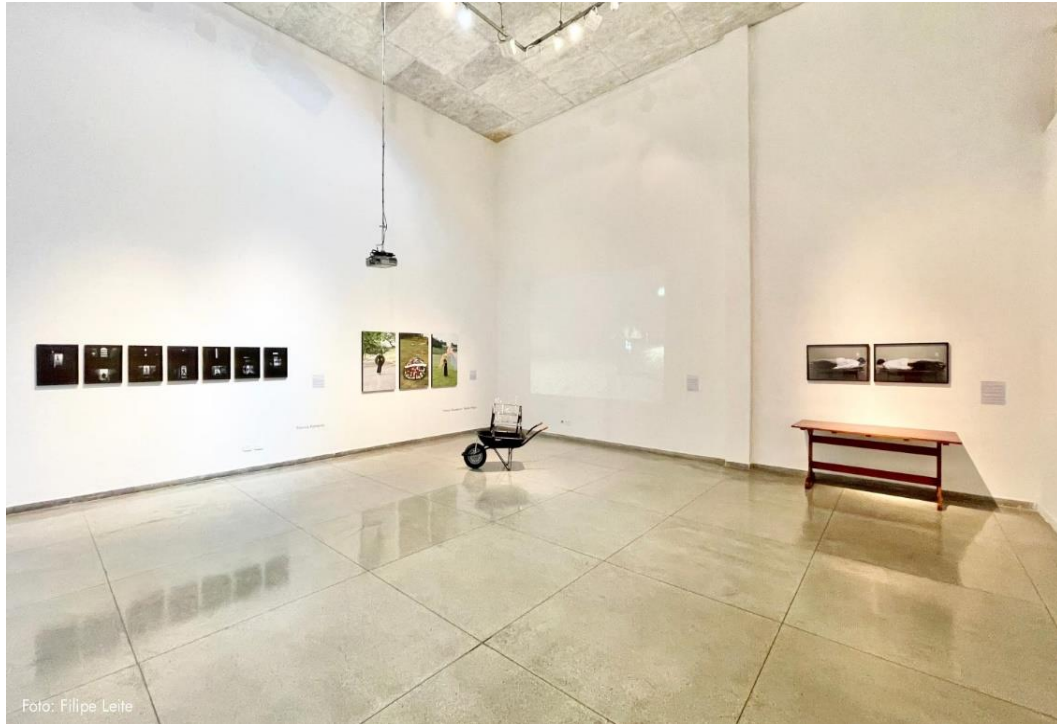


Imagem 4. Salão Anapolino de Arte. Centro Cultural UFG (CCUFG), Goiânia, 2023. Fonte: <https://amigosdagaleriasibasolly.art.br/salao-anapolino-de-arte/>. Foto: Filipe Leite.



Imagem 5. Autora e Autor. A mesa posta. Refazer da performance. Abertura do Salão Anapolino no Centro Cultural UFG, Goiânia, 1º de março de 2024. Aproximadamente 10 segundos. Acervo dos autores. Foto Cyber Gab.



Nas decisões de montagem para o CCUFG, a luz ficou mais direta sobre a mesa. O que reforçou, para nós, no primeiro e imediato contato com a obra montada, uma ideia de presença fantasmagórica dos nossos corpos. Concordamos que a luz sugeria ali um vazio, como um palco deserto, apenas com a incidência de feixes luminosos à espera de nós. Essa adição, corroborou ainda mais com as ideias iniciais de discussão com e a partir do trabalho: quando pensávamos sobre presença e ausência dos nossos corpos sobre a mesa e, além disso, as marcas que deixamos – junto de nossos gatos.

Assim, na abertura da exposição no CCUFG, motivados pela provocação do feixe luminoso da qual não sabemos de quem foi a decisão, se da montagem ou da curadoria, fomos levados a refazer, sem nenhuma combinação prévia ou aviso prévio, o gesto de encaixe dos corpos sob a mesa – e, novamente, como uma ação pensada para a fotografia, sem pretensão de durar muito após o clique. Mas, dessa vez, algumas pessoas que celebravam a abertura naquela sala puderam presenciar o fato, produzindo outras fotografias em seus celulares, para além da oficial – diferentemente da ação original que realizamos na nossa casa, sem outras presenças nos rodeando além dos gatos.

Na abertura do salão no CCUFG, lembro que perguntei para ele: “Amor, vamos tirar uma foto lá no nosso trabalho?” e ele me devolveu com: “De pé ou deitados?”. Fizemos a performance da performance? Ou ainda, a performance para a câmera da performance para a câmera? Enfim, o certo é que remontamos o gesto.

Nossos corpos estiveram na presença das imagens do que já foram os nossos corpos. Podemos fazer vários exercícios de comparação a partir daí – começando com o fato de que a mesa levemente emborcou com o peso da nossa nova massa muscular! Se tivesse quebrado... Seria hilário. Nas fotografias originais, nossos corpos estão presentes – ou melhor, a imagem do que foram os nossos corpos, naquele agosto de 2021, início de relacionamento. Na reperformance, reperformagem, reperformance gestual, somos os mesmos – mas somos, também, outros. Outras roupas, apesar das semelhanças colorísticas, outras ambições, outras sensações e contextos. O casal que estava nas fotos era e não era o mesmo



casal que se deitou em frente ao público. Seguindo a mesma lógica: é, e não é, o casal que aqui escreve.

Eu, José, estava com dengue e gripado e assim me esforcei para comparecer na abertura no CCUFG. Mesmo sem saber, a performance se tornou um ato premonitório, pois a partir daquele momento passei vários dias de repouso em uma cama sem conseguir me alimentar e falar. Além disso, a Bruna realizou uma viagem no dia seguinte para ficar próxima da sua avó quase centenária no Rio de Janeiro: foi o último momento em que estive junto dela por proximidade física, até nos encontrarmos novamente após 15 dias. Acredito que a performance tenha sido uma breve despedida, manifestando o desejo de que tudo ficaria bem à distância.

Ações educativas: a mesa intocável e o desejo pela transgressão

Os atuais dogmas do que é um museu e uma galeria de arte se dedicam em preservar uma estrutura de poder que incentiva um sistema elitista. Na entrada de museus e galerias é comum placas com avisos: “não toque”, “não coma”, “não beba”, “não fotografe”, “não corra” etc. É comum ver pessoas menos escolarizadas com receio de entrar nos espaços expositivos e se sentirem desconfortáveis em meio a isso. Em muitos casos, a preocupação em restringir ações dos visitantes esmaga o desejo de conhecer, percorrer e fruir com o espaço expositivo. Isso é irônico, pois a obra somente existe no encontro com o Outro (Loures, 2021).

Um exemplo: em minha exposição individual **“Imagine um jogo”** (2023), haviam jogos/games interativos disponíveis para o público. Contudo, mesmo com mesas, jogos, manuais e confortáveis puffs, uma parte considerável do público não entendeu que aquele local era uma espaço de liberdade, interação e diversão. Estavam condicionados que um museu/galeria é um local sacro com regras rígidas que não devem ser ultrapassadas, em que apenas o olhar basta. Agnaldo Farias (2010) coloca que o professor tem que ser tão extrovertido quanto um camelô, pois tem que ser simpático e divertido para convidar um cliente a conhecer a sua loja e os itens disponíveis para venda. Nesse sentido, o arte-educador tem que fazer a mesma função, com o adendo de ser compreensível, amigável e acessível em cada



uma de suas palavras. E mesmo que toda a experiência ainda seja gratuita, é uma tarefa complicada e complexa de se realizar.

Na abertura do Salão Anapolino as pessoas se aproximaram de “A mesa posta” como se estivessem em seus lares. Era perceptível a diferença das aproximações com os demais trabalhos colocados na mostra. Durante esse tempo as pessoas tocavam, apoiavam e encostavam seus corpos e objetos na mesa – com o destaque para garrafas de água, influenciando, assim, novas marcas. Interessante perceber que não se tratava apenas de um público distante das Artes Visuais e com as já denunciadas regras de visitação. Ali estavam curadores, artistas, professores e pesquisadores de diversas regiões do Brasil. Isso corroborou com a nossa ideia de subversão e potência da presença da mesa naquele espaço.

Desde 2019, sou o responsável pelas ações educativas no Salão Anapolino de Arte. Meu papel é coletar diversas informações disponibilizadas sobre as obras/artistas e traduzir para que diversos públicos de diferentes faixas etárias e vivências possam compreender e aproveitar da visitação. Além disso, não posso desvincular minhas opiniões e percepções sobre cada um dos trabalhos ali expostos. Assim, aconteceu o inusitado caso de realizar as mediações com uma das minhas obras presentes no 27º Salão Anapolino de Arte.

Posso dizer com tranquilidade que 90% dos visitantes nunca haviam visitado um museu/galeria de arte, pois fazia essa pergunta no início de cada mediação. Ao receber um turma de crianças/adolescentes na entrada da Galeria Sibasolly, também explicava todas as regras e os motivos de suas existências: o toque poderia danificar as obras com um empurrão e até mesmo com a gordura presente nos dedos de cada uma das crianças/adolescentes. Explicava que o espaço era apertado e por isso não era seguro correr e pular entre os trabalhos. Essa era a função pela qual fui contratado pra exercer. Contudo, em meus pensamentos eu desejava em segredo àquelas crianças: “Corram! Pulem! Gargalhem! Fofuquem! Gritem! Tornem esse espaço VIVO!”.

Essa dicotomia permanecia por todos os trabalhos, menos quando estava diante de “A mesa posta”. Nesse momento, permitia que as crianças/adolescentes tocassem a



mesa, se apoiassem para ver melhor as fotografias da performance, colocassem suas garrafas de água, bolsas etc. Em algumas mediações disse: “A mesa é minha, quem quiser tocar, PODE!”. Essa ação de subversão do espaço era libertadora.



Imagem 6. Mediação no 27º Salão Anapolino de Arte, Galeria de Arte Antônio Sibasolly. Anápolis-Goiás, 2023. Acervo dos autores. Foto: Bruna Mazzotti.



Imagem 7. Mediação no 27º Salão Anapolino de Arte, Galeria de Arte Antônio Sibasolly. Anápolis-Goiás, 2023. Acervo dos autores. Foto: Filipe Leite.

Além disso, me confundi várias vezes na hora de contar sobre o sonho que Bruna teve. Sem querer: acabei unindo as histórias por trás da performance com outro trabalho de nossa autoria, o primeiro que fizemos, chamado **“Amor de vir ver”** (2021).

Eu e meu parceiro estávamos de pé, frente a frente. Percebi que estávamos na sala da casa dele. Eu começava a beijar, constantemente e repetidamente, a nudez do seu peito – priorizando a região central. Porém, não havia nenhuma reação da parte dele: permanecia imóvel, indiferente à pressão dos meus lábios. Ainda assim, continuava por beijar (Mazzotti; Loures, 2021, p. 2).

Várias vezes, contei que no sonho que motivou “A mesa posta”, a Bruna beijava meus pés e eu não ligava. Mas não foi bem assim! Mas para o público não interessava qual foi o sonho correto que despertou a vontade de realizar a performance: e sim, saber sobre uma história de sonho que serviu de impulso para criar. Nas mediações, abordei o processo criativo, as curiosidades e tudo aquilo que normalmente não sabemos quando vemos um trabalho exposto numa galeria. Então, perguntava para os visitantes o que cada um deles fazia nas mesas de casa:



era uma maneira de relacionar o fazer artístico com o cotidiano das crianças/adolescentes. Nesse sentido, ensinar arte é valorizar afetos em busca de compreensão dos fenômenos que nos rodeiam (Martins; Tourinho, 2019). Assim, é necessário e urgente mostrar que a arte existe além das paredes brancas em museus e galerias.

No fim das mediações a pergunta mais comum que ouvia das crianças/adolescentes era: “tio, final de semana aqui tá aberto? Quero trazer meus pais”. Sentia essa pergunta como uma facada no peito. Infelizmente, os espaços institucionais dedicado as Artes Visuais em Anápolis, como a própria Galeria Sibasolly e o Museu de Artes Plásticas de Anápolis, não funcionam durante o final de semana e nem mesmo no período noturno. Isso restringe o acesso às Artes Visuais de toda uma camada da sociedade que está no trabalho e que historicamente é privada desse bem cultural. Dentro do 27º Salão Anapolino houve obras que abordavam as dinâmicas laborais, os espaços domésticos, a escravidão, o preconceito, a família, os afetos, os territórios, as brasilidades, a comunicação e os abusos. Temas que muitas pessoas se identificam, e poderiam, a partir do contato com os trabalhos, elaborar e refletir diante das materialidades criadas pelos artistas, mas que, infelizmente, não tiveram a oportunidade de visitar.

Um outro destaque na mediação: uma coincidência significativa – e muito curiosa. Uma moça, estudante do bacharelado em Artes Visuais da UFG, um dia antes de visitar o salão em Anápolis, justamente sonhou que fazia uma performance em que pessoas tinham que beijar os seus pés! Em uma lógica muito similar ao sonho que sugeriu o fazer da nossa performance. Será que o sonho dela veio conduzindo sua presença diante do nosso trabalho naquele dia? Numa espécie de preparação? Se não tivesse sonhado com isso, de que forma ela veria o trabalho? Ou será que, sem esse sonhar, ele passaria despercebido? Esse sonhar a convidou para realizar uma performance? Assim como afirmei durante minha dissertação que performances sonhadas são performances realizadas (Mazzotti, 2022), ela realizou uma performance dentro do sonho?



Culminações

Neste trabalho: relatamos, apresentamos e problematizamos as diversas etapas do nosso fazer – desde a concepção da performance, em seu planejamento, preparação e montagem nos espaços e, por fim, a recepção do público no 27º Salão Anapolino de Arte.

Na dissertação (Mazzotti, 2022), mencionei o sonho, exibi as imagens do trabalho, mas não discuti de maneira aprofundada sobre sua existência. Agora, com mais tempo e mais distância, com exposições públicas da obra, na companhia de meu coautor, namorado e parceiro de criação em performances, este artigo foi um lugar propício para desenvolver um pensamento sobre o trabalho. Que não é só meu, mas é nosso.

Além disso, elaboramos discursos sobre as diferenças entre as imagens de nossos corpos e nossos corpos, num passado mais recente, diante da mesa – no refazer da performance. Refletimos sobre a passagem do tempo e marcas deixadas por esse decorrer. Também aproveitamos para argumentar sobre as perdas fruitivas decorrentes das burocracias dos espaços institucionalizados – e como a mesa pôde transgredir um pouco esse lugar.

Enquanto as fotografias de “A mesa posta” foram doadas para o acervo do Museu de Artes Plásticas de Anápolis, a mobília retornou ao nosso lar – agora, com novas marcas deixadas pelos visitantes. Levar um objeto doméstico para habitar outros espaços deixou um vazio em nossa sala, mas ganhamos novas manchas, de dedos, de água, para agregar à materialidade do trabalho. Nesse sentido, ao percebermos a relação das pessoas com o trabalho, ao refazermos o que foi um gesto privado em um ambiente público: a obra foi se transformando e adquirindo novos significados e nova visualidade.

Por fim: será que durante as exposições alguém já quis deitar, em solidão ou com o seu par, naquela mesa – repetindo o nosso gesto pela sugestão das imagens à parede? Para montagens futuras, cabe considerar o aviso de obra interativa: pode-se deitar e sentar sobre a mesa.



Referências

FARIAS, A. **Entre Homero e Platão**: Agnaldo Farias at TEDxUSP. TEDX Talks. YouTube TEDx Talks. 2010. Disponível em: https://youtu.be/JQcfrqU_kqY. Acesso em: 20 abr. 2024.

LOURES, José. Reflexões sobre o uso de games no ensino de arte a partir do artista, jogador, professor e aluno. **Revista Digital do LAV** (Santa Maria), v. 14, n. 3, p. 27 – 47 – set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/65845>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Ensino de Arte, Contemporaneidade e Vida Cotidiana**. Goiânia: UFG Ed., 2019. Disponível em: <https://ebooks.fav.ufg.br/livros/11livro/capitulo1.html>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MAZZOTTI, Bruna. **Estratégias para conjugar performance e sonho**. 2022. 124 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/100714623/Estratégias_para_conjugar_performance_e_sonho. Acesso em: 04 abril 2024.

MAZZOTTI, Bruna; LOURES, José. Amor de vir ver: uma performance guiada por um sonho. IV Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual – VIRALVIRTUAL: Imunizações e contaminações da arte e cultura visual. In: **Anais do [...]**, 2021. Disponível em: <https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/p/38982-iv-sipacv-2021>. Acesso em: 20 abr. 2024.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Pesquisa Autobiográfica em Arte: Apontamentos Iniciais. **Revista Nós** - Cultura, Estética e Linguagens, v. 6, n; 1. Dossiê: Imagens Auto/Biográficas na História e na Prática Artística, 2021. p. 95-129. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/11364>. Acesso em: 03 abr. 2024.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; BARRA, Luiza Domingos; SOUZA, Kassius Brunno. Dimensões artísticas do espaço biográfico. Formas de Vida - 32º Encontro Nacional da ANPAP, Fortaleza, 2023. In: **Anais do [...]**, .Fortaleza, IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/668563-DIMENSOES-ARTISTICAS-DO-ESPACO-BIOGRAFICO>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Notas

ⁱ Artista visual e professora de Artes. Pesquisa e atua no campo da performance. Doutoranda na linha Poéticas Artísticas e Processos de Criação, por meio do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás (PPGACV/FAV/UFG), bolsista CAPES. Mestre em Artes Visuais (PPGAV/EBA/UFRJ). Licenciada em Artes Visuais (UFAM). Integrante do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/FAV/UFG/CNPq). E-mail: bruna_mq@live.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1733193693488731>



-
- ⁱⁱ Doutor em Artes pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisador no Coletivo Interdisciplinar de Pesquisa em Games (CIPEG) e Comunidades Virtuais (IFBaiano). Trabalha na linguagem da arte computacional, histórias em quadrinhos e gamearte. Também pesquisa sobre videogames, jogos de tabuleiro, cibercultura, sexualidade e práticas divinatórias. E-mail: jloures-arte@hotmail.com. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/2089042854569020>
- ⁱⁱⁱ Mais informações sobre o 27º Salão Anapolino de Arte e suas edições anteriores podem ser acessadas em: <https://amigosdagaleriasibasolly.art.br/salao-anapolino-de-arte/>. Acesso em: 02 maio. 2024.